

**Universidade Estadual de Campinas – Unicamp**  
**Comunicação Social – Habilitação em Midialogia**  
**CS106 – Método e Técnicas de Pesquisa e de Desenvolvimento de Produtos de Midialogia.**  
**Docente:** José Armando Valente  
**Discente:** Ingrid Fernandes Ruela **R.A.:** 174986

**Relatório de Desenvolvimento de Produto Midiático**  
**Arte no cemitério: uma moeda para o barqueiro**

## **Introdução**

Na cultura da Grécia Antiga, morrer envolvia três estágios: estar morrendo, estar morto mas não estar enterrado, e estar morto e enterrado. Cada um dos estágios demandava alguns rituais que envolviam os vivos no processo da morte, o que acabava extrapolando os limites da religião e incorporando dimensões das práticas sociais. A realização de todos os ritos funerários atestava “que os vivos fizeram o que lhes competia para que ela transcorresse em segurança e o morto alcançasse seu destino devido” (SANTOS, 2011, p.6).

O sepultamento atestava o início da viagem até o reino de Hades, e no túmulo era plantada a sagrada flor de asfódelos, símbolo dos Campos Elísios, pois acreditava-se que assim o corpo estava mais próximo do domínio no subterrâneo que iria abrigá-lo. Uma moeda era colocada nos dois olhos e na boca dos cadáveres e oferecida ao barqueiro de Hades, Caronte, a fim de garantir o sucesso da travessia do mundo dos vivos ao mundo dos mortos (SANTOS, 2011).

No entanto, para além de ser um grito de lamentação daqueles que saudosamente choram no vazio deixado pela morte de alguém, os rituais funerários também são marcados por determinações políticas e socioeconômicas que desvelam a estrutura social na qual o morto está inserido, e também a posição que ocupava em vida dentro da hierarquia das relações sociais de produção. Assim, por exemplo, aqueles que na Grécia Antiga não tinham nenhuma quantia a oferecer a Caronte, ou cujos corpos não haviam passado pelas práticas ritualísticas, eram condenados a vagar pelas margens dos rios por cem anos.

As sepulturas cristãs estão para Deus assim como as moedas estão para Caronte. As majestosas estátuas que velam os túmulos são pedras quase vivas, nas quais a dor transborda em arte e esculpe anjos, Maria, Cristo, passagens bíblicas, ou uma última tentativa de redenção e remissão dos pecados. Longe de serem tão somente um suspiro de lamúria daqueles que choram os seus mortos, a arte no cemitério é uma oferta dos vivos a Deus, rogando salvação e vida eterna àquele que morreu.

Mesmo diante da beleza imensurável que possuem tais obras de arte, não podemos deixar de nos perguntar: qual é o pedaço do céu que resta àqueles que, longe da grandiosidade que o dinheiro pode pagar, têm seus corpos, já solapados pelas contradições do sistema capitalista, em covas medíocres, ou enterrados na anonimidade das valas comuns, ou que não foram ao menos sepultados? Será o mesmo destino dos mortos sem moedas para oferecer ao barqueiro? A desigualdade do mundo dos vivos também reina nos rituais de passagem para o mundo dos mortos, mas nem mesmo a moeda ao barqueiro ou a flor de asfódelo no túmulo garante o destino de quem se foi.

Pensando nisso, o projeto fotográfico *Arte no cemitério: uma moeda para o barqueiro* teve como finalidade explorar, através de fotografias, a estética da arte sacra e dos túmulos no Cemitério da Consolação, lar pós-morte de famílias prestigiadas e ricas da cidade de São Paulo. Além de passar a integrar meu portfólio online na plataforma Behance.

## **Resultado do Projeto**

### Pré-produção:

A morte de um amigo recentemente me levou ao Cemitério Itaquera, em São Paulo. Lá, concebi a ideia do projeto ao mesmo tempo em que ganhava intimidade com a morte e com os rituais que a rodeiam. Ao observar a construção do Cemitério e pensando também em outros pelos quais passei, constatei que nenhum deles, se aproximavam, do ponto de vista artístico e arquitetônico, do prestigiado Cemitério da Consolação, onde estão enterradas algumas das famílias mais ricas da cidade de São Paulo.

No caminho para casa, fervilhando reflexões sobre a vida, a morte e os cemitérios, coloquei-me a pensar nos motivos de tamanha diferença entre estes últimos e em sua famigerada importância no ritual da morte. Distinguem-se de bairro para bairro, de cidade para cidade, de cultura para cultura, de religião para religião, etc. Foi assim que resolvi pesquisar, então, sobre os rituais de morte praticados na Grécia Antiga, e translatei a ideia de moeda para o barqueiro de Hades para a arte sacra nos cemitérios cristãos.

Resolvi então que exploraria a estética das artes sacras e dos túmulos do Cemitério da Consolação através de fotografias, que eu disponibilizaria, depois de editadas, como portfólio online na plataforma Behance.

No dia 2/6, o plano era ir ao Cemitério obter uma autorização para fotografar e, se a obtivesse no mesmo dia, fotografaria naquela mesma tarde. Então, chequei a previsão do tempo, e somente depois de verificar que não choveria no dia (embora o dia estivesse cinzento), coloquei a câmera

fotográfica para carregar e reservei um cartão de memória e fui ao Cemitério acompanhada de meu pai.

Chegando lá, obtive no mesmo dia em que requisitei. Assim, com a autorização em mãos, e acompanhada do meu pai, passei a tarde do mesmo dia fotografando os túmulos, as estátuas neles e ouvindo histórias do coveiro sobre o Cemitério.

### Produção

Comecei a fotografar e passear pelo Cemitério da Consolação lá pelas 13hs do dia 2/6, e fiquei percorrendo os labirintos de túmulos do Cemitério da Consolação até 17h30, quando estava começando a ficar escuro, o que prejudicaria a qualidade da luz nas fotos. Mas, como não perco uma boa história, fiquei conversando com o coveiro e com o meu pai até as 18hs.

O sentimento que ficou depois de passar aproximadamente cinco horas num cemitério foi de verdadeiro luto e melancolia. As flores recentemente deixadas em alguns túmulos não tinham a vivacidade que deveria ter um punhado de margaridas amarelas, não exalavam o cheiro suave de rosas ou nos encheram de gosto e ânsia de admirá-las, eram só da tristeza mórbida da perda e da saudade. Ao menos as frescas eram melhores que as murchas e secas.

Não consegui mexer nas fotografias por dois dias, embora tenha me programado para editá-las no mesmo dia em que as fotografei. Somente no domingo, dia 5/6 tive coragem e ânimo para realizar as edições no Photoshop. A princípio, a ideia era somente tratar a luz e deixá-las com um aspecto mais natural possível. Mas depois de passar o dia no Cemitério, não conseguia imaginá-las de outra forma senão em escala de cinza, de modo a combinar com o sentimento que traziam.

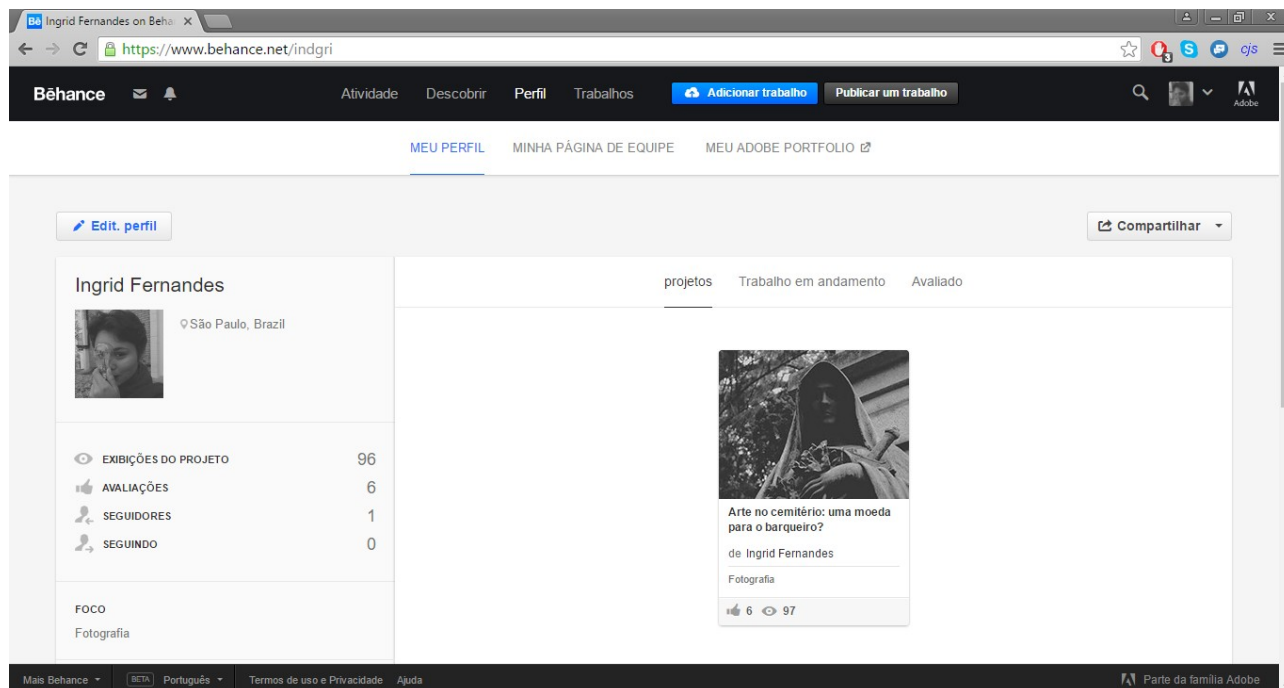
Assim, depois de selecionar 20 fotos e editá-las, obtive satisfatórios resultados. Demorei uma hora nesse processo, e os resultados foram extremamente satisfatórios, como este a seguir:



**Figura 1: Fotografia do Cemitério da Consolação pós-edição no Photoshop**

Depois de fotografar, selecionar e editar as fotos do Cemitério da Consolação, o passo seguinte era criar a conta no Behance e disponibilizar as fotografias numa pasta no dia 6/6, no entanto, não consegui novamente mexer nas fotografias, que mexeram comigo de um jeito bem negativo, resgatando de hora em vez a morte de meu amigo.

Logo, somente no dia 9/6 consegui criar a conta e disponibilizar as fotografias na plataforma online Behance, que pode ser acessada através desse endereço eletrônico: [www.behance.net/indgri](https://www.behance.net/indgri)



**Figura 2: Print screen da página do meu perfil na plataforma Behance**

### Pós-produção

Assim que criei minha conta no Behance e criei a pasta do projeto nele, disponibilizei o link do produto midiático no TelEduc, compartilhando-o com todos. Logo depois, preparei a apresentação do produto, mas não o apresentei por conta da greve no Instituto de Artes da UNICAMP.

## **Pontos positivos e pontos negativos**

### Pontos positivos

A produção do trabalho fez com que eu voltasse o olhar para a morte por outra perspectiva para além da dor que eu estava sentindo com a perda recente de meu amigo. E embora o espectro que rondou todo o projeto tenha disso cinza e melancólico, em uma certa medida isso favoreceu que eu, em um momento muitíssimo complicado, para além perda recente, me animasse ao menos para a realização de alguma coisa.

De um modo geral, o tempo que estimei para a maior parte das tarefas se cumpriram como o planejado, com exceção da etapa de fotografar no Cemitério da Consolação, que acabou se estendendo pela conversa com o coveiro, que foi muitíssimo boa. Além disso, algumas de minhas

desorganizações não me prejudicaram, porque apesar de ter atrasado em algumas coisas, eu ainda contava com uma margem confortável de segurança de uma semana.

No mais, fiquei extremamente satisfeita com os resultados finais, com os elogios que recebi, e ainda que eu ande desanimada com quase tudo, a perspectiva de tirar outros projetos da gaveta se colocou no horizonte.

### Pontos negativos

O primeiro dos pontos negativos que deve ser discutido é atraso que tive no cumprimento de quatro tarefas em relação ao cronograma inicial: atrasei em dois dias a edição das fotografias; atrasei três dias com a criação da conta no Behance, a criação do portfólio e a disponibilização do produto no TelEduc. Ainda que o atraso seja para mim extremamente justificável, e que ele não tenha me prejudicado na concretização do produto final, é de extrema importância atentar-se a isso em projetos futuros, porque a desorganização pode vir a ser uma pedra no sapato.

Quanto a obtenção da autorização para fotografar, penso que deveria ter ligado ou mandando um e-mail para a administração do Cemitério com antecedência para garantir que a obteria no dia em que havia me programado para isso.

Por fim, a parte mais difícil de conciliar durante a realização do projeto foi o meu lado emocional, que tive que forçar em alguns momentos para obter os resultados finais.

## **Considerações finais**

Os pontos positivos se sobrepuseram sobre os negativos quantitativa e qualitativamente, o que deixa um saldo satisfatório com o processo de desenvolvimento do produto midiático. E, embora não tenha aprendido nenhuma técnica nova, fiquei encantada com o meu trabalho, que acredito estar finalizado, o que significa que não pretendo fazer nenhuma outra alteração.

Walter Benjamin em seu ensaio intitulado *O Narrador* (1936), realiza uma reflexão que pode ser uma ferramenta interessante para pensar a figura do coveiro, que foi um dos elementos que mais me chamou atenção na criação do produto.

Ele era uma figura com um ar misterioso, de quem sabia e tinha a dizer sobre a morte e, principalmente, sobre a vida. Não precisava conhecer a fundo os defuntos ou aqueles que vinham deixar flores para saber detalhes preciosos sobre quem eram.

E com a sensibilidade de quem convive com a morte por perto, onde as contradições mais gritantes da vida se manifestam escancaradamente, o coveiro sabia aconselhar a dor que sobra para quem permanece em vida no caos mundano. Dele imanava a autoridade de um narrador, arte cada vez mais rara nos dias de hoje, já que a “morte é a sanção de tudo o que o narrador pode relatar. É da morte que ele deriva sua autoridade. Em outras palavras: suas histórias remetem à história natural.” (BENJAMIN, 1994, p.224).

A corrosão da capacidade de troca de experiências comunicáveis faz com que a arte de narrar esteja em vias de extinção. Nesse sentido, a existência de um coveiro que narre sobre a morte é um trunfo, já que o imediatismo moderno também extinguiu a ideia de eternidade, e afastou de todos nós a ideia de que nossa vida é, naturalmente, efêmera.

## **Referências**

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas**, v. I, Magia e técnica, arte e política, trad. S.P. Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTOS, Sandra Ferreira dos. Ritos Funerários na Grécia Antiga: Um Espaço Feminino. **História, Imagem e Narrativas**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p.1-15, abr. 2011.